liinc EM REVISTA

ARTIGO/ARTICLE

Atividades de mediação da leitura na ambiência da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio[1]

Reading mediation activities in the environment of the Afro-Indigenous Social Library Meninas do Subúrbio

Pamela Oliveira Assis
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Salvador, BA, Brasil.

Deise de Oliveira Costa
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Salvador, BA, Brasil.

Tainara Santos de Azevedo
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Salvador, BA, Brasil.

Raquel do Rosário Santos
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Salvador, BA, Brasil.

Deise Luz do Espírito Santo
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) Salvador, BA, Brasil.

Correspondência para/Correspondence to
Raquel do Rosário Santos - quelrosario@gmail.com

PERIÓDICO / JOURNAL
ISSN 1808-3536
@liinc-emrevista
https://revista.ibict.br/liinc/index

Editores / Editors
Marco Schneider - Gustavo Saldanha
Fábio Gouveia - Priscila Sena

FLUXO EDITORIAL / EDITORIAL PROCESS
Editores do Artigo / Article Editors
Marco Schneider - Gustavo Saldanha
Fábio Gouveia - Priscila Sena

Cronologia / Timeline
Recebido / Received: 07/07/2025
Aprovado / Approved: 18/04/2026
Publicado / Published: 05/06/2026

Como citar / How to cite: ASSIS, Pamela Oliveira, et al. Atividades de mediação da leitura na ambiência da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio. *In*: *Liinc em Revista*, v. 21, n. 02, e7674. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/7674. Acesso em: 05 jun. 2026.

Atribuição 4.0 Internacional
Attribution 4.0 International

[1] A Liinc em Revista teve o apoio da **FAPERJ** para a publicação deste artigo.

RESUMO: Objetiva-se, com esse artigo, identificar e analisar as atividades de mediação da leitura na ambiência da Biblioteca Social Afro-indígena Meninas do Subúrbio, de modo a associá-las ao fortalecimento identitário dos leitores, segundo uma concepção afro-Indígena. O referencial teórico deste estudo trata dos temas: leitura; mediação da leitura; identidade e protagonismo, tendo como base as reflexões de Freire (1981); Leffa (1996); Perrotti (2017); Silva (2018); Martins (2018); Adichie (2019); Vernant (2021); Conrado e Barros (2022). Para isso, foi aplicado um questionário online com a idealizadora e responsável pela biblioteca, Dejanira Rainha dos Santos Melo, a fim de verificar os objetivos das atividades e categorizar aquelas que se aproximam da possibilidade de fortalecer a constituição da identidade afro-Indígena dos leitores. Como resultado, percebeu-se que as ações desenvolvidas pela Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio contribuem para a promoção da valorização identitária e com o empoderamento dos sujeitos envolvidos, em especial crianças e mulheres negras da comunidade. Assim, a mediação da leitura é um processo contínuo e dinâmico, capaz de acompanhar as transformações do sujeito leitor e de contribuir para a formação e consolidação de uma visão crítica de mundo, implicando, portanto, num dispositivo de transformação pessoal e social.

Palavras-chave: mediação da leitura; identidade afro-indígena; biblioteca comunitária; protagonismo social; Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio.

ABSTRACT: This article aims to identify and analyze the reading mediation activities within the environment of the Afro-Indigenous Social Library Meninas do Subúrbio linking them to the identity strengthening of its readers from an afro-Indigenous perspective. The theoretical framework of this study addresses the themes of reading, reading mediation, identity and protagonism, based on the reflections of Freire (1981), Leffa (1996), Perrotti (2017), Silva (2018), Martins (2018), Adichie (2019), Vernant (2021), and Conrado and Barros (2022). To this end, an online questionnaire was administered to the founder and manager of the library, Dejanira Rainha dos Santos Melo, to verify the objectives of the activities and categorize those that are most likely to strengthen the readers' afro-Indigenous identity formation. As a result, it was observed that the activities developed by the Afro-Indigenous Social Library Meninas do Subúrbio contribute to the promotion of identity appreciation and the empowerment of those involved, particularly Black children and women from the community. Thus, reading mediation is a continuous and dynamic process, capable of accompanying the transformations of the reader and contributing to the formation and consolidation of a critical view of the world, thereby acting as a mechanism for personal and social transformation.

Keywords: reading mediation; afro-indigenous identity; community library; social protagonism; Afro-Indigenous Social Library Meninas do Subúrbio.

INTRODUÇÃO

A mediação da leitura é considerada um processo contínuo e adaptável, um ato capaz de acompanhar as mudanças do leitor. À medida que o sujeito avança em sua jornada de leitura, suas necessidades e interesses podem se transformar, exigindo do mediador uma postura flexível e atenta. Isso significa que a mediação abrange a busca por apresentar diferentes formatos e gêneros literários, abrir espaço para a diversidade de textos e suportes que possam atender às diferentes fases e interesses do leitor. Ao reconhecer e valorizar essa dinâmica, o mediador contribui para a formação de um leitor autônomo, capaz de explorar novos horizontes literários e de se engajar criticamente com o mundo ao seu redor. Dessa forma, a mediação da leitura se consolida não apenas como uma prática educativa, mas como um dispositivo de transformação pessoal e social.

A partir dessa perspectiva transformadora da leitura mediada, entra em cena a dimensão da identidade do leitor. Ao reconhecer que a leitura é atravessada pelo contexto social, histórico e cultural do sujeito, compreende-se que a identidade do leitor também influencia e é influenciada pelos textos com os quais ele interage. A leitura, então, não apenas forma leitores, mas também os afirma em suas singularidades.

Iniciativas de mediação da leitura conscientes e relacionadas à dinamicidade existencial dos sujeitos, buscam fortalecer e apoiar o reconhecimento de sua ancestralidade, cultura e formação identitária. Não se trata apenas de oferecer novas histórias às crianças e jovens, mas de promover um reposicionamento simbólico desses sujeitos como integrantes da sociedade. Esse contato com narrativas que refletem suas origens e trajetórias contribui diretamente para a construção de uma identidade fortalecida.

Nessa perspectiva, torna-se relevante estudar dispositivos informacionais, como bibliotecas comunitárias, nos quais agentes mediadores da leitura estão desenvolvendo ações valorosas de enfrentamento ao apagamento e silenciamento da diversidade cultural e identitária, realizando ações de leitura que permeiam a constituição identitária, o reconhecimento da pluralidade cultural, ao mesmo tempo que a individualidade do ser. Dessa maneira, este artigo buscou identificar e analisar as atividades de mediação da leitura na ambiência da Biblioteca Social Afro-indígena Meninas do Subúrbio, de modo a associá-las ao fortalecimento identitário dos leitores, segundo uma concepção afro-Indígena.

Esse ambiente de estudo localiza-se no bairro de Alto de Coutos e atende a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. A Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio existe desde 2022, desenvolve atividades de mediação da leitura e tem como idealizadora Dejanira Melo, mulher negra, formada em Letras Vernáculas e Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, que além de ser responsável pela Biblioteca, atua como professora da Rede Pública Municipal de Salvador.

Para alcançar o objetivo traçado, esta pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, utilizou como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário junto a Dejanira Rainha dos Santos Melo, idealizadora e responsável pela Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, a fim de mapear as atividades de mediação da leitura, verificar os objetivos das atividades e categorizar quais se aproximam da possibilidade de fortalecer a constituição da identidade afro-indígena dos leitores.

Cumprida a etapa de coleta de dados, esses foram tratados, apresentados e discutidos à luz da literatura, cujo referencial teórico e empírico é apresentado na próxima seção.

REVISÃO DE LITERATURA

A leitura é um ato normalmente associado ao texto escrito, mas antes desse contato, o leitor tem conexão com o mundo e a partir das experiências inicia-se o ato de ler, pois como afirma Freire (1981, p. 13) "[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra [...]", ou seja, a primeira leitura de um indivíduo vem das suas vivências, como, por exemplo, o aprendizado de como se portar em situações sociais específicas, o reconhecimento das emoções humanas a partir das expressões faciais e do tom de voz, a identificação do rosto e voz de pessoas conhecidas, etc., todos esses acontecimentos e aprendizados são elaborados a partir da leitura realizada pelo sujeito sobre o contexto vivenciado.

De acordo com Gomes (2020, p. 83) "[...] o ato de ler consiste na ação de atribuir significados únicos e individuais ao texto, de forma que possa (re)construir significados e transformar as ações do indivíduo na sociedade [...]", conforme defende a autora, a leitura contribui para que o sujeito transforme suas ações, visto que por ela existe um processo de atribuição de sentido. Pode-se ainda ampliar a reflexão de Gomes (2020), visto que não só ao texto há atribuição de sentido, mas nos contextos e ações humanas, também passíveis de leitura.

A leitura de textos "[...] não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade" (Leffa, 1996, p. 10). O texto escrito, imagético e oral são reflexos das realidades; eles não são a realidade, mas pode-se interpretar e entender a realidade a partir deles. A partir da leitura de mundo feita pelo leitor, ele pode conseguir atribuir significados ao texto, como Dumont (2020, p. 30) explica "[...] a leitura do texto capacita o leitor, através do uso de suas lembranças e expectativas, a agrupar os signos textuais, sendo, portanto, capaz de identificar as relações ali contidas, tornando-as coerentes para si próprio".

A atribuição de significados e a apropriação de conhecimento a partir da leitura do texto escrito segue três fatores primordiais, de acordo com Dumont (2020, p. 32)

> 1) o contexto, quando se verifica que a interpretação da leitura depende de fatores sociais e culturais da vivência do leitor; 2) o sentido, o como o leitor interpreta e significa as suas leituras; e 3) a motivação, que leva o sujeito a querer ler determinada obra.

Ao analisar o modelo proposto pela autora, pode-se observar que o contexto é um conceito abrangente e tem como ponto central todo o meio que pode influenciar o leitor, o autor, a obra e o mediador. Isso também envolve a estrutura do texto, seu gênero, estética, suporte, a subjetividade que o texto transmite e a reflexão que causa no leitor. A motivação é o que leva cada leitor a determinada obra. Pode ser por necessidade, por emoção, pela influência de outros, pelo simples fato de querer ler algo, pelo entretenimento, devido ao gênero e assim por diante. Por exemplo, muitas pessoas leem o mesmo gênero repetidas vezes para buscar o conforto que aquele gênero ou aquele enredo proporcionam.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

E por último, o sentido é a atribuição dada pelo leitor ao texto "[...] a apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, no qual se imprime a singularidade da leitura baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentidos, de significados" (Dumont, 2020, p. 43). Os textos não são neutros, mas cabe ao leitor entender e interpretar de acordo com seu contexto.

Para que uma leitura faça sentido, é essencial que o leitor utilize seu conhecimento prévio e assimile novas informações, utilizando um repertório de dispositivos diversos. Para selecionar uma leitura, é necessário que o leitor esteja motivado e tenha um objetivo específico em mente. Por exemplo, um leitor pode estar motivado a atingir uma meta de leitura visando se entreter, optando por uma obra literária de ficção. Embora essa obra possa ou não cumprir os objetivos primários, ela também pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento da capacidade de interpretação de texto ou na exposição a diferentes perspectivas sobre várias situações, proporcionando ao leitor atribuições de sentido relevantes naquele momento.

A habilidade da leitura, que não é apenas saber o que está escrito, mas interpretar e se apropriar do texto lido, como já foi comentado, será dificilmente alcançada por meio de pressões, como ler um livro apenas para fazer um trabalho de escola ou textos lidos estritamente por necessidade, como Dumont (2020, p. 49) explica "[...] por intermédio do exercício da leitura, efetivada paulatinamente de forma democrática e cada vez mais crítica e plural, podendo ser auxiliada por especialistas, é que se adquire tal habilidade, não através da simples imposição".

Dessa forma, compreender a leitura como construção de significados que parte da vivência individual permite ampliar a noção de leitor, para além da sala de aula, valorizando os saberes de mundo que cada sujeito carrega. Nesse sentido, a mediação da leitura torna-se fundamental para criar relações entre essas experiências de vida e os textos, favorecendo uma prática de leitura mais crítica, questionadora, reflexiva, criativa e significativa.

A mediação da leitura possui muitos objetivos, um deles é tornar o ato de ler uma realidade prazerosa para o sujeito. Isso oportuniza ao leitor o desenvolvimento de habilidades importantes para o dia a dia, como a melhor interpretação de textos, o desenvolvimento de um senso crítico e a ampliação de um repertório, seja ele de palavras, cultural ou factual, adquiridos a partir dos conteúdos abordados pelo material de leitura mediado e apropriado.

Compreende-se que o desenvolvimento dessas características varia, pois cada sujeito possui uma relação única e singular com a leitura. Essa relação é influenciada pela forma como a leitura é introduzida e tratada ao longo de seu processo de desenvolvimento. Como aponta Silva (2018, p. 100), "Dentre os empecilhos que a escola pode oferecer ao leitor na fase inicial está a cobrança autoritária da leitura". A pressão imposta pela sociedade pela formação de mais leitores pode levar a uma mediação impessoal, especialmente quando essa responsabilidade é atribuída exclusivamente ao ambiente educacional. Nesses casos, a mediação pode se tornar um requisito a ser cumprido em uma lista de tarefas, um processo mecânico, em que fórmulas são seguidas, sem abertura para que os mediadores experimentem e modifiquem tais práticas.

Um dos dispositivos socialmente relevantes para essa prática mediadora e para a formação de leitores críticos, de modo que participem de maneira a evitar esse processo mecânico, é a biblioteca. Entre as tipologias desse ambiente informacional, destaca-se neste estudo a biblioteca comunitária. Segundo

Alves (2020, p. 8), bibliotecas comunitárias "[...] se instituem como locais que buscam ser espaços de leitura, cultura e acesso à informação de sujeitos que, na maioria das vezes, não dispõem de outros espaços destinados a essas atividades". Dessa maneira, as bibliotecas comunitárias surgem como resistência da sociedade contra o apagamento e o movimento de colocar os sujeitos à margem da visibilidade social, nos quais podem ser garantidos seus direitos, por meio do acesso à informação e à leitura, como defende a autora.

No entanto, a mediação da leitura não se desenvolve somente dentro de salas de aula ou bibliotecas. Ela também deve ser e é desenvolvida no dia a dia de sujeitos em formação e já formados. Como afirma Martins (2018, p. 85), "[...] a principal característica do mediador é ser necessariamente um leitor". A autora defende que mediar, partindo do princípio de ser um exemplo, instiga aqueles que não são ativamente leitores a se interessar pela leitura e incentiva a criação desse hábito. Consequentemente, a mediação ocorre de forma processual e saudável, sem julgamentos sobre o dispositivo utilizado.

Infelizmente, existe uma barreira que pode tornar essa mediação um problema crônico: o julgamento. Há uma resistência dentro da comunidade leitora em abrir os horizontes para os infinitos tipos de leituras e seus gêneros literários. Formatos como *graphic novels*, mangás/*manhwas*, audiobooks e até *e-books* são questionados como formas válidas de leitura. Esse tipo de discussão afasta novos leitores de dispositivos que poderiam estimular o hábito e o prazer de ler e limita o acesso a um leque diversificado de conteúdos que poderiam despertar o interesse, na prática da leitura.

A ação de mediar a leitura não pode se restringir a iniciar um sujeito nesse hábito, mas deve estimular a manutenção e o aprofundamento em novas temáticas e dispositivos de leitura. Isso inclui o consumo e a análise de novos textos, bem como a revisitação de antigos, sempre considerando que não há fórmula mágica no ato de ler (Silva, 2018). A individualidade de cada leitor exige que cada ação mediadora seja única, e a tentativa de padronizar esse processo pode criar uma falsa sensação de eficácia.

Portanto, ao mediar a leitura, é fundamental que o foco não se restrinja à quantidade de livros ou textos lidos, mas sim ao verdadeiro aprofundamento nas obras. Isso possibilita que o leitor compreenda, questione e se envolva com o que está sendo lido. Como aponta Freire (1981, p. 12), "A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita". Essa reflexão alerta para a importância de uma mediação que não apenas incentive a leitura, mas também promova uma reflexão crítica sobre o conteúdo lido, respeitando a singularidade de cada leitor e buscando sempre uma relação mais profunda com o repertório informacional que ele tem acesso.

A discussão sobre identidade é uma das mais célebres nas ciências sociais e remete à ideia de marcador social da diferença. Esse debate, bem como os seus desdobramentos concretos, está no seio de relações de "[...] pertencimento, participação, igualdade, mas também de segregação e distanciamento" (Woodward, 2012 *apud* Menezes, 2015, p. 69).

Segundo Lopes (2002, p. 7), a concepção de identidade surge simultaneamente na Antropologia e na Psicologia, como "[...] 'corpus' teóricos que emergem num determinado momento histórico, com

respostas diferentes à problemática do agir humano". O autor relata como o sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss identificou as contribuições da Antiguidade Clássica para o tema, a partir da "[...] composição do caráter enquanto representação da consciência, que definem a noção grega de persona" (Lopes, 2002, p. 8-9). No decorrer da história, sobretudo com as abordagens críticas ao colonialismo, perspectivas identitárias de concepção essencialista foram sendo questionadas. Estas concepções entendem a identidade como essência, processo estático de elementos cristalizados, originais e autênticos, a serem "[...] compartilhados por todos os membros de um grupo identitário, a despeito de transformações dos termos de pertencimento" (Menezes, 2014 *apud* Santos; Oliveira, 2021, p. 664). Estas perspectivas adviriam das heranças biológicas e históricas, que foram sendo confrontadas por noções não essencialistas da identidade, que buscam refletir a dinamicidade e a mutabilidade de seus processos formativos.

As identidades individuais e coletivas se firmam no processo de produção de sentidos e significados que ocorre no plano da cultura. Sob esta perspectiva, entende-se que se trata, aqui, de relações de disputa de poder que, como tal, são capazes de solidificar mecanismos de exclusão ou inclusão dos indivíduos e grupos nesta produção cultural, concedendo-lhes a possibilidade de participar, ou não, deste movimento.

Para Silva (2012), a identidade e a diferença são construções sociais e culturais, resultado de atos de criação linguística, sendo que as identidades necessitam ser nomeadas, argumentadas, instituídas por meio de atos de fala. Acresce-se ao debate o âmbito do registro, das produções, dos documentos, e da construção criativa humana na forma das artes, da literatura, dentre outras, que se tornam retroalimentadores daquele processo de construção de sentidos, e que precisam ser mobilizados pelos dispositivos em favor de um processo de apropriação cultural condizente com a diversidade identitária que marca a sociedade. Esta perspectiva está em consonância com a elaboração teórica de Stuart Hall (2006), para quem as identidades nacionais são formadas e transformadas continuamente em resposta ao modo como somos representados ou interpelados no contexto das culturas onde estamos inseridos.

A valorização cultural de diferentes identidades é uma demanda apresentada pelas leituras decoloniais de mundo, que combatem a dominação imposta pelas leituras de mundo oriundas do colonialismo. A noção desta diversidade, que enxerga os sujeitos como plurais, precisa estar em harmonia com práticas educativas e culturais igualmente plurais. "O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas, e não, como uma etapa histórica já superada" (Colaço, 2012, p. 8). As rupturas provocadas pela colonização deixaram, na sociedade, marcas sociais, culturais e econômicas profundas, que passam pela imposição de uma história única e enviesada e pelo apagamento da produção e contribuição dos povos subjugados, configurando uma negação do acesso à educação. Este processo de apagamento e de dominação é tratado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seu livro "O perigo de uma história única" (2019), no qual conta que, quando criança, começando a escrever, criava histórias que tinham como protagonistas personagens brancos, de olhos azuis e que brincavam na neve, ainda que a autora morasse na Nigéria e nunca tivesse saído de seu país. A sua inspiração eram os livros britânicos. Conta, no entanto, que tudo mudou quando conheceu os livros africanos. Com eles, sua percepção mudou e passou a escrever sobre coisas e situações que, de fato, reconhecia. A descoberta dos autores

africanos, segundo Adichie, a salvou de ter "[...] uma história única sobre o que são os livros" (Adichie, 2019, p. 8).

A autora chama atenção para a nossa vulnerabilidade diante de uma história, especialmente durante a infância. Se considerar esta vulnerabilidade, bem como a discussão aqui levantada sobre a disputa de poder presente no plano da produção cultural, e o papel dos dispositivos para rever e subverter paradigmas antidemocráticos e elitistas vinculados a esta produção, torna-se fundamental projetar luz sobre iniciativas que aproximam os sujeitos, especialmente crianças e jovens, das raízes culturais afro-indígenas que marcam a cultura e a história brasileiras, privilegiando suas narrativas e combatendo, portanto, os perigos da história única, dos quais fala Chimamanda.

Ao trazer à baila essas iniciativas que resgatam e valorizam as raízes culturais Afro-Indígenas, não se trata apenas de oferecer novas histórias às crianças e jovens, mas de promover um reposicionamento simbólico desses sujeitos dentro da sociedade. Esse contato com narrativas que refletem suas origens e trajetórias contribui diretamente para a construção de uma identidade fortalecida.

Nesse sentido, a representatividade, de acordo com Souza (2021), diz respeito a uma luta emancipatória. Acredita-se que quando existem ações que corroboram para uma constituição identitária que fortaleça os sujeitos em seus lugares de pertencimento, contribui-se para que exista um exercício crítico e um processo de autoconhecimento desse sujeito, no qual ele reconhece a potência que sua voz e suas atitudes podem trazer para o meio social do qual faz parte, possibilitando-lhe a emancipação enquanto ser social, bem como a possibilidade de assumir uma postura protagonista.

Segundo Perrotti (2017) ser protagonista "Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos". Acredita-se que mais do que resistir, ser protagonista é (re)existir em suas ações e resultados, é trazer uma nova dimensão a algo que antes passava despercebido, era julgado, quem àquele que não tinha voz. O protagonista enfrenta combates que não são físicos, mas sim políticos e ideológicos; há a defesa de que o outro seja reconhecido e, nesse processo, além de transformar a si, promove a mudança de um coletivo.

Desse modo, compreende-se que o protagonista atua em busca da alteridade, reconhecendo as singularidades do outro, percebendo que essas diferenças que caracterizam os sujeitos constituem quem eles são verdadeiramente. Nessa conjuntura, observa-se que:

> O protagonista nem se recusa, nem assimila aprioristicamente o saber, a palavra do outro. Ele expõe-se, arrisca-se, coloca-se em diálogo permanente com a diferença, constrói o si mesmo na alteridade, em interlocução. Sua memória o protege, ainda que não se feche jamais nela mesma. O protagonista não é prisioneiro nem do eu, nem do nós. Está em estado permanente de regulação entre forças contrárias e inevitáveis que atuam no jogo das significações. Ele confronta signos, palavras, memórias, valores. Torna própria a informação de outrem, dá vida, carnalidade, imprime suas marcas aos signos, devolvendo-os ao espaço público de onde se originam (Perrotti, 2017, p. 23).

O protagonista, como qualquer outro sujeito social, possui convicções e princípios, no entanto, isso não o aprisiona. Pelo contrário, à medida que convive com o outro e identifica as singularidades que fazem parte desses sujeitos, o protagonista se desconstrói e se reconstrói porque a convivência com

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

o outro favorece que os olhares e percepções sejam ressignificados, permitindo que suas ações dali em diante falem não só pela sua própria luta, mas pelo coletivo. Por isso, compreende-se que, quando os protagonistas levantam pautas em discussões sociais e políticas, eles não estão falando apenas por si, mas por aqueles que não têm oportunidade e às vezes nem voz para ocupar esses espaços.

O olhar plural para a sociedade permite que sejam identificadas diferentes ações protagonistas, porém, para esta discussão, volta-se, para o protagonismo afro-Indígena. O termo tem sido cada vez mais usado em discursos acadêmicos e políticos com o objetivo de destacar e valorizar a história, a cultura e a atuação de povos negros e indígenas na construção da sociedade brasileira. No entanto, seu uso carrega divergências dentro das próprias comunidades a que busca representar.

> O debate afro-indígena se encontra, de modo geral, em dois campos opostos: de um lado, o que visa entender a autoatribuição 'afro-indígena' como pertença identitária e, de outro, que a refuta e nega o seu uso. Ou, até mesmo, cair numa explicação fácil, reducionista de categoria como 'afro-indígena' vista como mera manipulação simbólica de ideologia dominante sem, ao menos, buscar investigar seus usos, teias de significados, pontos de tensão e até de refutação [...] (Conrado; Barros, 2022, p. 231).

A citação de Conrado e Barros (2022) evidencia a complexidade e os dilemas do uso do termo "Afro-Indígena", que se situa entre dois polos discursivos polêmicos e válidos. De um lado, os sujeitos reconhecem o termo como expressão legítima, que reforça a identidade de um povo construída e permeada pela ancestralidade múltipla, africana e indígena. Porém, há quem entenda o termo "Afro-Indígena" como uma homogeneização, que por consequência, pode gerar o apagamento de certos simbolismos, especificidades e lutas pertencentes a uma das culturas.

É possível também questionar o valor político-social estratégico que há por trás do uso do termo, afinal, ele carrega e reivindica um espaço de dois povos que resistiram e sobreviveram à exploração e invisibilização de suas identidades e do que elas representam, portanto, ao usá-lo sem o devido valor ao peso que o termo carrega e ao que ele significa, para esses sujeitos que, por muito tempo, foram silenciados e ainda hoje lutam para que não calem novamente suas vozes, isso representa um discurso superficial, com lacunas que podem não evidenciar a trajetória afro-indígena no Brasil.

Além disso, lideranças indígenas e negras nem sempre se reconhecem nesse termo, já que suas pautas e vivências divergem em muitos aspectos. Assim, o protagonismo Afro-Indígena é um conceito potente e atual, mas que exige cuidado ao ser utilizado, para não repetir os silenciamentos que busca combater. Uma vez que, na busca por um reconhecimento unificado, pode haver o apagamento ou sobreposição de uma das histórias. Acredita-se que tal consequência não seja o desejo desses sujeitos, visto que em uma sociedade onde nomear-se é um ato de poder (Kilomba, 2019), a união de povos marginalizados representa justamente a força e a negação de quem não aceitará mais ser calado.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta comunicação se caracteriza como descritiva, tendo como método o estudo de caso para analisar a Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio. Assim, o objetivo geral é identificar e analisar as atividades de mediação da leitura na ambiência da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, de modo a associá-las ao fortalecimento identitário dos leitores, segundo uma concepção Afro-Indígena.

Para a realização dessa trajetória metodológica, adotou-se, para a coleta de dados, a técnica de aplicação de questionário, utilizando para isso o *Google Forms*. O questionário foi direcionado à Dejanira Rainha dos Santos Melo, responsável pela Biblioteca, e, teve como propósito compreender as atividades de mediação da leitura desenvolvidas na ambiência da biblioteca, sendo elaborado com 14 (catorze) perguntas discursivas apresentadas abaixo.

O primeiro bloco do questionário possui perguntas voltadas para conhecer a Biblioteca e o propósito com o qual Dejanira Melo decidiu criar o espaço.

- Há quanto tempo você atua na Biblioteca?
- Como surgiu a Biblioteca Social Afro-Indígena meninas do Subúrbio?
- Como e por que você escolheu esse nome para a Biblioteca?

Com relação ao segundo bloco, as perguntas foram elaboradas a fim de compreender como a Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio funciona. Além disso, busca-se entender como e quais atividades são realizadas para e com a comunidade.

- Você possui algum apoio para manter a Biblioteca funcionando?
- Existem atividades de mediação da leitura na Biblioteca?
- Caso a resposta anterior seja positiva, quais seriam essas atividades desenvolvidas?
- Como você planeja as atividades de leitura e quais dispositivos (livros, música, fantoches, e etc) utiliza?
- Como você organiza o espaço no qual realiza a leitura?
- Existiu alguma demanda específica entre os leitores que te mobilizou a criar estratégias para a mediação da leitura?
- Você conta com apoio de outras pessoas para realizar tais atividades? E como essas pessoas colaboram?

Por último, o terceiro bloco do questionário teve como objetivo possibilitar que Dejanira Melo expusesse suas percepções sobre o que a leitura e a mediação da leitura, quando realizadas de modo intencionado e planejado, pode impactar na vida dos sujeitos.

- Em sua perspectiva, as crianças e adolescentes que frequentam o espaço apresentam alguma mudança de postura?
- Para você, qual a importância de fortalecer a perspectiva afro-indígena desses leitores?
- Existe a história de algum leitor que tenha marcado a sua trajetória à frente da Biblioteca?

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

- Para você, a mediação da leitura pode transformar a vida de uma pessoa?

A partir da leitura das questões que foram formuladas, observa-se que a escolha pela realização da pesquisa com a referida respondente e ambiência reside na necessidade de reconhecer e valorizar ambientes e ações de mediação da leitura que promovam a diversidade cultural e o fortalecimento identitário de comunidades historicamente marginalizadas. A Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio representa um espaço singular de resistência e afirmação cultural, onde a mediação da leitura é atravessada por saberes, vivências e narrativas afro-indígenas.

Após o processo de coleta de dados, esses foram tratados e analisados a partir da abordagem qualitativa, que permitiu a interpretação das respostas da respondente. Tais resultados foram apresentados na seção seguinte.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para compreender um pouco mais sobre o contexto da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio e as atividades desenvolvidas, foram realizadas perguntas diversas a Dejanira Melo. Sendo a primeira, motivada por uma curiosidade, a fim de entender sobre como surgiu a Biblioteca. Assim, ela conta que:

> A Biblioteca surgiu porque eu, juntamente com outras poetas e educadoras negras, ansiávamos realizar um trabalho efetivo no auxílio às mulheres negras periféricas, desde 2013. Mas infelizmente não conseguimos realizar o nosso desejo nesta época. Em 2022 encontrei alguém que disse que podia realizar o trabalho comigo e finalmente a biblioteca surge já atuando recebendo a primeira escola municipal. Com o tempo a parceria que encontrei demonstrou não estar interessada na realização do trabalho do jeito que eu pensava, sendo ele completamente social e sem fins lucrativos. E assim, eu me dissociei e passei a contar com apoio de poetas, professoras, professores, estudantes, artistas, gestores e gestoras de escolas que realmente passaram a ser fundamentais para que a nossa biblioteca permanecesse aberta. E este ano faremos 3 anos de atuação recebendo crianças e mulheres no nosso espaço para lhes ofertar serviços que vão de empréstimo de livros a massoterapia para as mulheres negras da região.

Refletindo sobre o ponto de vista de Perrotti (2017), percebe-se que o desejo de Dejanira Melo surgiu de uma necessidade identitária de se reconhecer e de proporcionar esse reconhecimento a outras pessoas. Seu desejo era compartilhar a história e a cultura de pessoas negras, com outros sujeitos pertencentes a este grupo, além de apoiar seu fortalecimento, em uma instituição social e sem fins lucrativos. Desse modo, o agir protagonista de Dejanira Melo proporcionou a criação de um projeto que favorece o acesso e o compartilhamento do conhecimento a uma comunidade periférica, e majoritariamente negra, além de potencializar a produção de sentidos e significados atribuídos por esses sujeitos, ao reconhecerem em cada história, os vestígios de sua cultura.

O desejo de Dejanira Melo reflete também na escolha do nome da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, uma vez que ela defende:

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

> O nome teria que abarcar as intenções de serviço e a motivação para a criação do espaço. Entendo que a maioria dos nossos problemas nas periferias na atualidade são causados pelo machismo e pelo racismo. Tendo em vista que a maioria da população das nossas periferias em Salvador é de origem negra e indígena, e esses povos até hoje sofrem com a discriminação e ausência dos cuidados mais básicos para o seu desenvolvimento pleno. Iniciar pensando nas meninas do subúrbio é fazer com que se perceba que meninas bem tratadas e educadas para não aceitarem o machismo e o racismo, ensinaram os seus filhos, caso queira tê-los a serem multiplicadores da valorização da mulher e contra a opressão do povo negro e indígena. Nossos bairros do subúrbio ferroviário carregam nomes indígenas. Aqui em Alto de Coutos existem várias ruas com nomes de países africanos. O nome tinha que estar em consonância com o nosso principal objetivo: elevar autoestima das crianças negras da periferia.

Observa-se na fala da respondente, que suas intenções carregam um desejo de representatividade, o que corrobora com Souza (2021) quando diz que representar é uma luta emancipatória. Dejanira Melo mostra que seu objetivo é fortalecer e emancipar as crianças da comunidade, fazer com que elas conheçam e se reconheçam na história dos povos negros e indígenas, ao mesmo tempo em que contribui, por meio desse conhecimento, para torná-las conscientes e protagonistas na luta contra o racismo, o machismo, entre outras formas de preconceito, infelizmente, muito presentes na realidade social de comunidades periféricas.

Por isso, Perrotti (2017) defende que ser protagonista é resistir e combater aquilo que afeta coletivamente, não se trata de algo individual. Dejanira Melo mostra isso quando fala em educar meninas para não aceitarem o machismo e o racismo, e que se vierem a ter filhos, devem educá-los como multiplicadores de discursos que vão contra essas e outras formas de opressão. Acredita-se que o trabalho desenvolvido por ela na Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio proporciona uma consciência coletiva que reflete em mudanças sociais presentes e futuras. Se dar nome é um ato de poder (Kilomba, 2019), Dejanira Melo mostra que além de nomear, ela deu sentido e significado ao que ela acredita e luta, para que outros percebam a realidade social por outra perspectiva de valorização e empoderamento, desse modo, compreende-se que ela mesma seja uma protagonista social que luta, resiste e transforma a si e o seu entorno.

Apesar das ações desenvolvidas pela Dejanira Melo trazerem benefícios para a comunidade onde vive, ela não conta com apoio do governo para manter a Biblioteca funcionando. Para que continue desenvolvendo as atividades formadoras, ela conta com o apoio e a valorização da própria comunidade.

> A biblioteca funciona com o apoio financeiro de professoras, poetas, artistas e uma estudante de psicologia. A comunidade também ajuda muitas vezes quando participa dos bazares, das rifas e quando usufruem de algum serviço e querem contribuir, demonstrando que aquele serviço de massoterapia ou outro qualquer lhes foi benéfico.

Por meio da resposta de Dejanira Melo, reconhece-se novamente o protagonismo defendido por Perrotti (2017), dessa vez, não só o dela de continuar um projeto social sem recursos garantidos, mas também o da comunidade que, através do olhar pelo e para o coletivo, contribui para que as atividades continuem sendo desenvolvidas. Do mesmo modo, as professoras, poetas, artistas e futura psicóloga que doam seu tempo e recursos próprios em prol do que acreditam ser importante e significativo.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

Tanto na primeira resposta, quando a participante da pesquisa fala sobre a continuidade da Biblioteca ocorrer por meio dessas parcerias, quanto nesta fala, nota-se a importância da ação coletiva, de se trabalhar com e para o outro, percebendo-se que a mediação só ocorre de maneira solidária para que os sujeitos alcancem a emancipação social.

Ainda sobre o cotidiano do seu trabalho na Biblioteca, Dejanira Melo expõe as atividades realizadas: "Temos muitas atividades de mediação de leitura. A maioria é ofertada para as crianças das escolas públicas, quando as crianças vêm trazidas por seus professores e pela gestão ou quando eu sou convidada para ir até as escolas".

Questionou-se também a Dejanira Melo quais eram as atividades de mediação realizadas na Biblioteca, tendo respondido que realiza "contação de histórias, leitura compartilhada de livros, reconto da história através de desenhos ou produção de texto etc".

Destaca-se que essas ações, ao serem desenvolvidas em conjunto com os professores, complementando as atividades do ambiente escolar, promovem a integração da Biblioteca com as práticas de ensino. A Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, ao desenvolver atividades de mediação da leitura que ampliam a formação sociocultural dos alunos, possibilita o reconhecimento desse ambiente tanto pelo acesso à informação quanto aos saberes que atravessam seu cotidiano, sendo uma importante fonte de conhecimento fora da sala de aula. Possibilita também aos professores e à coordenação pedagógica uma parceria rica em contribuição para a educação.

Com a contribuição das instituições de ensino, as atividades mediadoras podem ser melhor pensadas para a faixa etária do público, assim como para identificar os interesses de informação e leitura desses sujeitos. Dessa forma, existe o reconhecimento e a compreensão do que eles estão buscando e também o despertar desses sujeitos para a biblioteca e suas atividades mediadoras, contribuindo para que eles desenvolvam a curiosidade e o interesse pela leitura e ocupem os espaços sociais de pertencimento, como a biblioteca. Essa reflexão está em consonância com o que defende Silva (2018), ao afirmar que não há uma fórmula prescrita para se formar um leitor, a construção de um sujeito crítico está na adaptação da mediação para cada sujeito.

Sobre os dispositivos de mediação utilizados nas atividades de leitura, Dejanira Melo articulou:

> As atividades são planejadas utilizando recursos variados. Contamos com data show com o qual iniciamos o trabalho na biblioteca trazendo vídeos que demonstrem o objetivo do nosso espaço estar funcionando. Fazemos também relação de um filme visto pelas crianças com questões educacionais importantes, como preservação do meio ambiente, valorização da pessoa negra e respeito às diferenças como um todo. Ano passado, em 2024, criamos um curso concurso de desenho e escrita de texto. O curso envolvia leitura, exibição de vídeos educativos, oficinas de desenho e de texto, culminando com a entrega de prêmios em dinheiro para os melhores textos e melhores desenhos produzidos. Foi uma atividade que durou 2 meses, com 10 encontros ao longo do curso. Cada encontro com uma duração entre 2 e 3 horas. Em todos esses encontros foi ofertado um lanche para as crianças.

Ao utilizar o filme, o desenho, a imagem e outros dispositivos de mediação, Dejanira Melo demonstra a importância de romper com a "cobrança autoritária da leitura", como aponta Silva (2018), de modo

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

a fortalecer os vínculos com os leitores e sua contribuição e responsabilidade social na formação de sujeitos, na relação com instituições sociais, como a escola. Desse modo, a biblioteca comunitária passa a articular-se e desempenhar um papel social simbólico de resistência, desde a concepção do ato de ler, torna-se um ambiente do livre pensar e expressar-se.

Questionou-se também Dejanira Melo, como ela organiza o espaço no qual é realizada a leitura:

> O espaço pode ser organizado nas duas áreas externas da biblioteca, dependendo do tempo e do horário da atividade, na área interna que já é arrumada com almofadas, tapetes, ventiladores. De forma que as crianças se sintam confortáveis para ler. Quando usamos a área externa alugamos cadeiras e mesas para que as crianças possam ficar confortáveis.

Tornar o ambiente em que se faz a mediação da leitura um espaço acolhedor e receptivo é fazer com que a biblioteca seja compreendida como um lugar de acolhimento, conforto, em que, independentemente da idade, o sujeito sinta-se livre para adentrar aquele espaço e usufruir dele, bem como contribuir para o compartilhamento de opiniões e percepções sobre as ações ali desenvolvidas, uma vez que, ao se sentir pertencente à biblioteca, o sujeito pode passar também a dividir a atuação mediadora junto com os profissionais.

Ao refletir sobre essa troca e sobre os desafios que envolvem lidar com sujeitos diversos durante as ações, foi perguntado a Dejanira Melo se já existiu alguma demanda específica entre os leitores que frequentam a biblioteca que a mobilizou a criar estratégias para a mediação da leitura.

> Sempre somos mobilizados a criar, ou modificar estratégia quando atuamos em educação. As demandas são variadas. Mas uma delas é que começamos a perceber que as crianças vinham muito a biblioteca para usar os brinquedos da biblioteca e socializar, mais do que para ler. Eu e a minha irmã, que é uma das voluntárias da biblioteca começamos então a pensar em alternativas melhores para chamar atenção delas mais para os livros. Mesmo que nós saibamos da riqueza que é elas virem are aqui, mesmo que não seja para ler, pois estão socializando em um espaço que julgamos ser mais seguro que as ruas. Ainda assim, a percepção disso, fez-nos criar o curso concurso de desenho e escrita de textos.

A utilização da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, mesmo que para diferentes fins do que o pensado pela mediadora, demonstra como o espaço, além de um lugar acolhedor, também se torna um ambiente vivo, sofrendo influência dos sujeitos que o frequentam. O motivo pelo qual as crianças adentram aquele ambiente pode não ser o propósito inicial da biblioteca, porém pode propiciar que atividades de mediação da leitura desenvolvidas no local atraiam seu interesse, compreendendo que a leitura pode ser feita também mediante brincadeiras que estimulem nessas crianças o desenvolvimento de atividades cognitivas e sociais. Como ressalta Freire (1981) ler é uma habilidade cotidiana que o ser humano desenvolve antes mesmo de ser alfabetizado. Ao explorar atividades de mediação da leitura que utilizem as brincadeiras que as crianças promovem dentro da biblioteca, pode-se tornar o espaço ainda mais acolhedor para elas.

No que se refere ao apoio para o desenvolvimento das atividades mediadoras, Dejanira Melo conta:

> As atividades em sua maioria são realizadas por mim, entretanto, existem voluntárias que estão comigo sempre que as necessidades de mais pessoas para a execução das atividades são maiores. Eu tenho duas voluntárias fixas, mas que

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

> nem sempre podem estar comigo, uma por causa da distância que mora e outra por causa das atividades laborais que desenvolve durante o ano. Além dessas voluntárias eu faço convites pontuais para professora e professores e alguns amigos poetas e artistas para me ajudar nos momentos de maiores necessidades.

As ações de um espaço informacional, como as de uma biblioteca, demandam tempo para serem plenamente realizadas e muitas delas são contínuas, ou seja, necessitam que sejam feitas inúmeras vezes. A partir da fala de Dejanira Melo percebe-se que ela tem o apoio da comunidade em relação a esse aspecto, com voluntários e professores(as) que a auxiliam conforme a necessidade, mas são necessárias mais pessoas vinculadas a esse projeto, como a própria mediadora relata: "Ainda há muito a ser feito e precisamos de mais mãos para executar este trabalho". Assim, uma característica fundamental para que outras pessoas se interessem e se disponibilizem para ações executadas na Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio é ser leitor (Martins, 2018), afinal, só é possível defender e lutar por aquilo que se acredita e vivência no dia a dia.

Tendo em vista que a maioria dos leitores da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio é composta por crianças e adolescentes, perguntou-se a Dejanira Melo se ela conseguiu observar mudanças de postura nesses sujeitos.

> Eu acredito que quando se trata de educação para algumas crianças a mudança de postura é algo que talvez não vejamos de pronto, porque são sementes de bem que nós semeamos e só vão dar frutos mais tarde. Por outro lado, existem crianças e adolescentes que facilmente são tocados logo no início dos trabalhos e vemos sim uma mudança de comportamento, atitude e demonstração de reflexões que nos deixaram felizes no processo até aqui. Mas a caminhada é longa. É necessário continuar, perseverar e não deixar de acreditar na mudança. São cenários complexos, esses nos quais as nossas crianças e jovens estão inseridos. Requer paciência na caminhada. Ainda vamos fazer 3 anos.

A leitura é transformadora, mas não é algo imediato. Por a Biblioteca ser relativamente nova, é difícil que Dejanira Melo consiga observar todos os benefícios que essas crianças e adolescentes estão colhendo com esse projeto. A mudança, perceptível, ou não, dos jovens que frequentam a Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, se relaciona com o que Gomes (2020) articula sobre o ato de ler e sobre como isso transforma as ações do sujeito na sociedade. A leitura é um dos fatores que auxiliam para que o sujeito possa diminuir temores sobre a vida, no aumento das reflexões acerca do seu entorno e na mudança de atitudes e posturas. Dessa maneira, a Biblioteca pode ter um papel fundamental na mudança de postura desses jovens que a frequentam e, talvez, se tornem multiplicadores daquilo que eles aprendem em cada ação e leitura compartilhada, tornando-se vozes potentes e emancipadas para um futuro diferente.

Ao ser perguntada se a mediação da leitura pode transformar a vida de uma pessoa, Dejanira Melo responde: "Transformou a minha através dos livros que minha irmã do meio lia para mim àluz do candeeiro quando eu era pequenininha. Claro que pode mudar a vida de outras pessoas. Eu creio nisso, por experiência própria".

A experiência da mediadora demonstra como a compreensão da leitura e de suas potencialidades pode ocorrer por diferentes vertentes, sendo o contato que ela teve advindo da família. A mediação da leitura facilita a criação de conexões entre o texto e as experiências individuais e coletivas que o compartilhar desse momento às vezes pode proporcionar, sendo essas interações fundamentais para

o papel transformador da leitura na formação dos sujeitos. Ademais, tal percepção corrobora com os estudos de Dumont (2020) quando a autora defende que a apropriação da leitura sofre influência do contexto sociocultural, do sentido atribuído pelo leitor e da motivação que o levou até a leitura. Por isso, compreende-se que, com suas atitudes e ações, Dejanira Melo está contribuindo para transformar a vida dos leitores que passam pela Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, ao proporcionar um contexto favorável para a leitura e contribuir para que esses sujeitos possam apropriá-la e ressignificá-la.

O ato transformador da leitura também se estende às questões étnico-raciais, assim houve o questionamento sobre a importância de fortalecer a perspectiva afro-indígena dos leitores que frequentam a Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio.

> A primeira delas é a elevação da autoestima e a identificação positiva com as suas raízes e tenha orgulho da sua história negra e indígena. É um caminho importante para não confundir politicamente quem pode nos ajudar a crescer como pessoas e quem pode nos destruir, acabado com o nosso conhecimento sobre nós mesmos e com o valor que temos como seres humanos.

A identidade do sujeito é moldada a partir da sua cultura e transformada continuamente a partir das representações feitas nesse contexto (Stuart Hall, 2006). A importância da elevação da autoestima e da identificação positiva com as raízes por pessoas negras e indígenas citadas por Dejanira Melo só é possível a partir do contato desses sujeitos com narrativas decoloniais e que apresentem o mundo a partir da visão dessas culturas que foram marginalizadas, para isso é necessário criar certa distância das tradições e narrativas eurocêntricas.

Como consequência desse fortalecimento o sujeito pode começar a ter uma atitude protagonista com relação às suas lutas e vivências, combatendo a hostilidade da sociedade que o afeta e trazendo uma nova dimensão à sua realidade (Perrotti, 2017). A Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio está exercendo um papel fundamental na apresentação e disponibilização de obras que exaltam a cultura negra e indígena, colaborando com o surgimento do protagonismo social desses sujeitos.

Após obter detalhes sobre a Biblioteca, a gestora e os frequentadores, foi perguntado se houve algum relato de um leitor que tenha influenciado significativamente a trajetória da Dejanira Melo.

> Eu sempre tenho guardado na memória várias histórias, mas hoje vou destacar a história de uma senhora idosa que ontem mesmo me disse sobre a importância dos livros: Torto Arado e Olhos d'Água que ela pegou na nossa biblioteca e de como foi importante ter lido esses livros para ela poder prestar o vestibular para a UNEB. A nossa biblioteca tem essa intenção, fazer com que as pessoas possam contar conosco para trilhar caminhos de desenvolvimento intelectual e de mais autocuidado para as suas vidas.

O relato mostra a importância de uma comunidade que foi marginalizada, que passa a ter um espaço de acolhimento e informação, a partir de livros que ressaltam a sua ancestralidade, história e cultura, e de uma profissional que se importa com aquele sujeito, de modo que a senhora citada possa ter apoio e forças para prestar o vestibular. A Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio desempenha um papel relevante na comunidade, oferecendo um espaço onde as pessoas podem

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

buscar informações precisas e receber acolhimento; pode também ser um território de ampliação de perspectivas e leitura da sua existência. Compreende-se que a atuação da Dejanira Melo é essencial e vai reverberar na vida de outros sujeitos, tornando-os multiplicadores, sejam eles de todas as idades e territórios, pois ela está contribuindo para o fortalecimento e protagonismo de sujeitos que levarão em suas histórias as marcas deixadas pelas ações da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, afinal, nomear-se é um ato de poder (Kilomba, 2019), mas (re)existir diante das diversidades também é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, idealizada e conduzida por Dejanira Melo, evidencia uma trajetória rica em ações e em representatividade, que tem por base o empoderamento, o protagonismo social e a valorização da identidade e da coletividade. No relato de Dejanira Melo, ao responder ao questionário proposto pela pesquisa, destaca-se o seu compromisso com um projeto de emancipação social que combata o racismo, o machismo e outras formas de opressão.

Ainda que conduzindo sozinha a maior parte das atividades de mediação da leitura, e mesmo diante das dificuldades relatadas, Dejanira Melo destaca a importância das parcerias para que o trabalho da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio aconteça. Em artistas, voluntários, educadores e gestores encontrou apoio, e assim a presença da Biblioteca na comunidade pôde influenciar e reverberar na vida de sujeitos que, de outra forma, talvez não pudessem ter acesso aos conteúdos fundamentais para a sua formação e para a construção e consolidação de uma forma de ver a si mesmos e ao mundo pautada na valorização de suas identidades, na elevação de sua autoestima, no questionamento das desigualdades sociais, na resistência e na emancipação social.

A parceria com escolas e docentes, viabilizando que estudantes locais tenham acesso ao acervo e às atividades de mediação promovidas, revela a capilaridade e a presença do dispositivo, seu diálogo e legitimidade perante outras instituições e a comunidade. A sua atuação diversa e atenta às especificidades e necessidades informacionais dos sujeitos que a frequentam, indica uma visão ampla do trabalho de uma biblioteca, como espaço de socialização e construção da cidadania. O dispositivo se dedica a promover a leitura, mas, ao mesmo tempo, a mediadora tem consciência da importância de favorecer outras atividades que incluam as crianças que se interessam especialmente por brincadeiras e outras formas de socialização e produções, como a escrita e o desenho. Assim, oferece um espaço seguro de trocas e vivências, acolhendo-as longe das ruas e dos perigos inerentes a elas. Às mulheres negras, por sua vez, oferta, dentre outros, serviços de massoterapia, o que desvela o compromisso do dispositivo com a promoção do conforto, do bem-estar e do pertencimento, a partir de uma ética do cuidado.

Em todo o seu discurso, a preocupação com o coletivo está presente, bem como os processos identitários, marcantes em sua trajetória pessoal e, por consequência, na origem da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio. É identificando o papel da leitura em sua formação, a partir da mediação de sua irmã, que lia para ela à luz de um candeeiro, que Dejanira Melo reconhece a importância desta experiência e, por conseguinte, a necessidade e o desejo de compartilhá-la.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

Da mesma forma que afirma que as meninas que frequentam a Biblioteca poderão educar seus filhos, se os desejarem ter, de forma diferente, Dejanira Melo elevou sua experiência pessoal à instância coletiva, pelo que vem recebendo retornos positivos da comunidade. Este movimento emancipatório somente é possível porque se conhece e reconhece a identidade comunitária e coletiva local e se entende que, em meio às opressões do machismo e do racismo, é preciso celebrar as raízes afro-indígenas de todas as formas possíveis: em discursos, nomenclaturas, atividades, vivências, acervo e cuidados. Assim, se pode contar uma história que não é a do eurocentrismo, que não é a história única da qual fala Chimamanda Ngozi Adichie.

Se somente é possível defender o que se acredita e se vive no cotidiano, Dejanira Melo e a Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio demonstram fazê-lo com propriedade e um olhar atento às raízes da comunidade, cientes das raízes do lugar. A mediadora cita, inclusive, que muitas ruas do bairro de Alto de Coutos tem nomes de países africanos, situando sua identidade afrocentrada.

Se a experiência de Dejanira Melo como mediadora, a partir de suas vivências e posicionamentos, é decisiva para delinear o protagonismo afro-indígena da Biblioteca, da mesma forma, o delineamento das atividades mediadoras do dispositivo será essencial para estimular o protagonismo afro-indígena dentre a comunidade. A Biblioteca é bem posicionada e situada desde o seu nome, o que é externado por Dejanira nas respostas ao questionário. Chamar-se "Meninas do Subúrbio" remete à centralidade no feminino, sensibilidade perante as questões de gênero e da infância, bem como às raízes territoriais, cultura e identidade.

Pelo compromisso com o coletivo e o protagonismo social, pelos movimentos e efeitos que produz a favor do reconhecimento identitário de populações historicamente vulnerabilizadas, pelo impacto social no empoderamento a partir da leitura e da educação, cuidado e construção de vínculos de solidariedade, compreende-se que as atividades de mediação da leitura realizadas na Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio cumprem o papel de fortalecer o universo identitário dos sujeitos que a frequentam, com efeitos possíveis nas trajetórias individuais e na formação para o protagonismo social. Estes efeitos aparecem, por exemplo, quando Dejanira Melo resgata o caso da senhora que pôde acessar e ler obras afrocentradas solicitadas pelo vestibular de uma universidade pública. Desta forma, as atividades de mediação da leitura realizadas pela Biblioteca contribuem para a possibilidade da reconfiguração de narrativas que desafiam a ordem vigente, estimulando a ocupação de espaços por sujeitos historicamente vulnerabilizados pela sociedade racista.

A partir do exposto, podem-se aventar possibilidades futuras de estudos com foco na experiência da Biblioteca Social Afro-Indígena Meninas do Subúrbio, pensando, por exemplo, a categorização das atividades de mediação da leitura desenvolvidas, na escuta dos sujeitos participantes, ou ainda com novos olhares sobre os processos identitários ligados à mediação da leitura, especialmente no campo das bibliotecas comunitárias, pensando e amplificando o seu protagonismo.

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 21, n. 02, e7674, dez. 2025.
https://doi.org/10.18617/liinc. v21i2. 7674

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, M. S. Biblioteca comunitária: conceitos, relevância cultural e políticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-29, 2020. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1252/1164. Acesso em: 11 set. 2025.

COLAÇO, T. L. **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina**: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

CONRADO, M. P.; BARROS, T. N. M. N. A categoria "afro-indígena" na Amazônia paraense: usos, confluências e ambivalências em debate acadêmico. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 28, n. 63, p. 227-246, maio/ago. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/ZTRy3hc7LkVMG69XvgfxnbR/. Acesso em: 13 maio 2025.

DUMONT, L. M. M. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In*: DUMONT, L. M. M. (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020. p. 21-52.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. *In*: FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981. p. 9-14.

GOMES, M. A.; SANTOS, M. Leitura e competência da informação. *In*: DUMONT, L. M. M. (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020. p. 78-95.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, J. R. A pessoa e a construção do sujeito: uma contribuição a partir de Marcel Mauss. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 1–13, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/Vhq6jph6WrW8RvyzVwWmr5f/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 16 abr. 2026.

LEFFA, V. J. O Conceito de leitura. *In*: LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996. p. 9-24.

MARTINS, E. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. *In*: SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. (org.). **Fazeres cotidiano da biblioteca escolar**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 79-88. Disponível em: repositoriobib.ufc.br/000042/00004232.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.

MENEZES, V. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 68–81, 2014. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/download/7106/13992/63018. Acesso em: 16 abr. 2026.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-25.

SANTOS, E. St. M. dos; OLIVEIRA, C. B. F. de. Arte-educação, juventudes e emancipação: reflexões a partir de um estudo exploratório em Porto Seguro (BA)**. Cadernos do Aplicação**: Pesquisas e Reflexão em Educação Básica, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 661–674, jan./jun. 2021. Disponível em: https://share.google/I6XV2OmDO1JheVoPp. Acesso em: 16 abr. 2026.

SILVA, R. J. Formar leitores na escola. *In*: SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. (org.). **Fazeres cotidiano da biblioteca escolar**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 97-103. Disponível em: repositoriobib.ufc.br/000042/00004232.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73–102.

SOUZA, O. L. P. **Representatividade importa?**: Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36631. Acesso em: 13 maio 2025.